

A Casa do Campo Pequeno, da família Pinto Leite

*Enquadramento e abordagem preliminar a uma habitação notável
do Porto Romântico*¹

J. FRANCISCO FERREIRA QUEIROZ*

Abstract – *The Campo Pequeno House, in Oporto, built by the middle of the 19th century for the Pinto Leite family, is a remarkable example of romanticist architecture. This article makes a preliminary approach to its artistic features, in correlation with the impressive tombs erected by the most prominent members of the Pinto Leite family.*

Os Pinto Leite – uma família influente

Os Pinto Leite que se notabilizaram como negociantes no Brasil, no Porto, em Lisboa e em Inglaterra, eram vários irmãos: Joaquim, António, Manuel, Caetano, José, João e Sebastião (o mais novo), apesar de também terem existido irmãs. Eram todos filhos de António Pinto Leite e de Teresa Angélica Bernardina da Assunção Correia, proprietários da Quinta da Gandarinha, em Cucujães.

Os filhos varões de António Pinto Leite demandaram para o Brasil, onde fizeram tirocínio no negócio comercial, talvez com algum tio ou parente ali estabelecido, voltando a Portugal com capital suficiente para iniciar negócios próprios. Provavelmente não emigraram todos ao mesmo tempo, pois só terão ido a partir da

* Doutor em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ Este trabalho é uma adaptação e uma ampliação de capítulos incluídos na nossa tese de Doutoramento em História da Arte, *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal – Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória* (Porto, 2002), sobretudo dos que podem ser encontrados no vol. I, tomo 1, p. 670-684. No texto original incluído na dita tese podem ser encontradas em nota as referências às fontes que aqui não vão mencionadas. Note-se, porém, que devemos muitas das informações sobre os Pinto Leite aqui incluídas ao descendente José de Nápoles, a quem agradecemos.

idade em que pudessem ter suficiente responsabilidade para a actividade comercial. Os primeiros a regressar terão sido os mais velhos, Joaquim (nascido em Cucujães em 1805), José, António e Caetano Pinto Leite.

Joaquim Pinto Leite, em particular (fig. 1), estava em 1838 a residir regularmente no Porto, na Rua dos Lavadouros. De facto, em 9 de Março desse ano entrou para a Irmandade da Lapa, instituição da qual chegou a ser Vice-presidente (1853). Contudo, só em 1840, tendo 36 anos, fez o competente bilhete de residência. Nessa altura, era súbdito brasileiro e tinha, por isso, de dar conta da sua morada ao administrador do respectivo bairro, necessitando também de passaporte para circular no continente português. No referido bilhete de residência, declarou ir morar para o Largo dos Lóios n.º 30.

Porém, Joaquim Pinto Leite tinha fundado uma casa comercial no Porto já em 1830, pelo que terá estado no Brasil entre 1820 e cerca de 1829. Esteve ali, com toda a certeza, entre 1820 e 1824, primeiro em Santo Amaro (durante cerca de dois anos) e depois na Baía, tendo tido problemas em 1824, no contexto da Independência do Brasil (proclamada dois anos antes)².

Torna-se difícil apurar a data exacta do regresso de Joaquim Pinto Leite, pois julgamos que não terá sido um retorno definitivo, mantendo-se o negócio com o Brasil mesmo após esse regresso. Por exemplo, em 1854-55, devido ao facto de manter estreitas relações comerciais com a Baía, Joaquim Pinto Leite ficou encarregado pela Irmandade da Lapa para elaborar uma lista de pessoas junto de quem se promoveria uma subscrição a favor das obras na Igreja da Lapa, subscrição essa que já estava a decorrer no Rio de Janeiro. Por outro lado, o facto de ter feito bilhete de residência apenas em 1840, mantendo-se como súbdito brasileiro, poderá indiciar que Joaquim Pinto Leite estaria no Porto ainda de forma não definitiva durante a década de 1830. Não sabemos se esse ano de 1840 marcará a mudança de residência para o prédio dos Lóios que, ainda hoje, faz esquina com a Calçada dos Clérigos e onde, em 1854, Joaquim Pinto Leite morava (no número 56), possuindo no rés-do-chão o seu estabelecimento de tecidos. De facto, na época do Cerco do Porto (1833), Joaquim Pinto Leite residiu já no Largo dos Lóios, num prédio que foi isento de aboletamento precisamente pelo facto de Joaquim Pinto Leite se ter então declarado cidadão brasileiro.

Joaquim Pinto Leite adquiria fazendas por grosso e vendia a retalho. Este importante negócio de tecidos na cidade do Porto era detido por Joaquim Pinto Leite, mas foi iniciado em sociedade com os irmãos António Pinto Leite, Caetano Pinto Leite e, mais tarde, também com Sebastião Pinto Leite.

Desde cedo, Joaquim Pinto Leite dedicou-se também simultaneamente ao empréstimo de capital, acabando por formar uma importante casa bancária, em conjunto com o irmão José Pinto Leite, que fora residir para Londres. Assim, a casa bancária Pinto Leite & Brother (mais tarde Pinto Leite & Brothers, com a entrada

² Informação que devemos a José de Nápoles, com base numa pequena memória autógrafa da atribulada viagem feita até ao Brasil, em que Joaquim Pinto Leite esteve quase a perder a vida.

de Sebastião Pinto Leite, que também se estabeleceu em Inglaterra), possuía escritório em Londres e no Porto, na esquina entre o Largo dos Lóios e a Rua dos Clérigos (n.º 91). Dá conta destes negócios a importação de quatro mil soberanos para Joaquim Pinto Leite, em 1851. Em 1859, por exemplo, vieram para o Porto mais nove contos de réis. As movimentações de capital eram intensas. Em 1855, Joaquim Pinto Leite entrava com 55 acções no recém-constituído “Banco do Porto”. Joaquim Pinto Leite também foi fundador do Banco Comercial, Industrial e Agrícola, em 1861. Foi um dos membros da comissão que promoveu o início da angariação de fundos para a construção do Palácio de Cristal do Porto. Esteve igualmente ligado à subscrição de acções da Companhia do Caminho de Ferro, em 1863.

Joaquim Pinto Leite investiu o seu capital em várias outras companhias. Uma das suas maiores apostas foi a Companhia de Navegação por Vapor Luso-Brasileira, fundada em Outubro de 1852, da qual foi Director. Esta companhia possuía o paquete a vapor “D. Pedro II” – então o segundo maior barco do país e cuja aquisição foi financiada pela firma Pinto Leite & Brother. Esta companhia de navegação não durou muito tempo, tendo sido dissolvida em Abril de 1857. Porém, Joaquim Pinto Leite continuou no negócio das viagens transatlânticas. Em 1863, por exemplo, fez a sua primeira viagem um barco de carreira para a Baía, propriedade de Joaquim Pinto Leite. Joaquim pertenceu também à Comissão do Exame das Contas da Companhia Segurança, no ano de 1849-1850. Em 1861, foi eleito por unanimidade Director da Companhia Garantia.

Os irmãos Pinto Leite andaram associados, tendo sido feitas várias sociedades, conforme uns voltavam do Brasil ou se estabeleciam fora do Porto. Em 1840, a partir de 1 de Janeiro, a firma Joaquim Pinto Leite & Ca. passava a designar uma sociedade comercial entre Joaquim Pinto Leite e seu irmão Sebastião, tendo cessado a que Joaquim Pinto Leite possuía desde 8 de Agosto de 1837 com os irmãos Caetano e João. Joaquim Pinto Leite e seus irmãos investiam em quase tudo o que fosse lucrativo, como era comum na época por parte de capitalistas com espírito arejado e conhecedores dos negócios mais rentáveis no Brasil e em outros países. É o caso do negócio da fundição: a firma Pinto Leite & Irmão, que possuía filiais em Manchester e Liverpool na década de 1860, importava dali materiais para as fundições do Porto.

Pode concluir-se pela grande mobilidade comercial dos Pinto Leite e o facto de serem negociantes de grosso trato com ligações à Inglaterra. Em finais de Junho de 1842, José Pinto Leite foi para Inglaterra. Porém, em Maio de 1845 encontramos José Pinto Leite como passageiro no vapor “Vesúvio”, que fazia a ligação de Lisboa para o Porto, juntamente com o menor António Pinto Leite, de 11 anos. Também Sebastião Pinto Leite veio de Lisboa, no “Vesúvio”, em Julho de 1849. Por isso, teria já lá negócios nesta década. Sabemos igualmente que José Pinto Leite veio novamente de Lisboa em Julho de 1850. Em Abril de 1851, Sebastião Pinto Leite foi para Manchester.

A visibilidade social dos Pinto Leite era muito forte no Porto da época. Joaquim Pinto Leite era Vice-presidente da Associação Civilizadora, em 1846. Pertenceu

também à comissão que organizou as festas de S. João no Bairro dos Clérigos, em 1849. Joaquim Pinto Leite doou 24\$000 para as obras do Hospital da Trindade, em 1853, no mesmo ano em que ofereceu à Câmara Municipal do Porto uma nova bomba de incêndios.

Joaquim Pinto Leite pautou-se por várias outras acções filantrópicas, que não podemos aqui mencionar exaustivamente. Refira-se, no entanto, que Joaquim Pinto Leite contribuiu para o fundo de socorro aos afectados pela febre amarela em Lisboa, no ano de 1857. Para o mesmo fim, José Pinto Leite doou a grossa quantia de um conto de réis. A filha de José Pinto Leite, Clementina Libânia Pinto Leite, também exerceu por várias vezes a caridade pública, nomeadamente nos anos de 1860 e 1861. Em 1861, foi Joaquim Pinto Leite quem doou uma quantia para as vítimas das inundações na Régua. Aliás, Joaquim Pinto Leite fez parte da Comissão de Socorro para Cabo Verde, em 1863. Joaquim Pinto Leite pertenceu também à Comissão do Asilo das Raparigas Abandonadas. Caetano Pinto Leite doou igualmente dinheiro para obras assistenciais. Caetano foi Director da Assembleia Portuense, em 1860, a qual funcionava na Praça da Trindade, local onde – em 1857 – Caetano Pinto Leite comprou um prédio a Francisco Ferreira Pinto, adaptando-o a sua residência (embora o projecto seja de 1856³).

Para compreendermos ainda melhor quem eram os Pinto Leite, refira-se que Joaquim Pinto Leite casou com Emília Doroteia Leite (nascida na Baía em 13 de Julho de 1815, falecida em 1885), filha de Luís Monteiro de Sousa, do concelho de Paredes, e de Antónia Maria Monteiro, da Baía. Teve vários filhos, como Joaquim Pinto Leite Júnior, nascido na freguesia da Vitória (1850), cujo padrinho foi José Pinto Leite, embora tendo tido o abastado António de Sousa Barbosa como procurador (talvez por ausência de José Pinto Leite em Inglaterra).

Quanto ao Comendador José Pinto Leite, foi casado com Carlota Bárbara Leite, cuja filiação se desconhece, tendo deixado família em Londres. José Pinto Leite era o pai da já referida Clementina Libânia Pinto Leite, que casou em 1855 com o seu tio Sebastião Pinto Leite, irmão mais novo de José Pinto Leite. Clementina Libânia Pinto Leite foi a Condessa de Penha Longa. O casamento entre Clementina Pinto Leite e Sebastião Pinto Leite (futuro Visconde da Gandarinha) terá sido combinado, de modo a evitar a dispersão da fortuna da família, uma vez que José Pinto Leite era um homem doente já nessa altura. José Pinto Leite faleceu em 21 de Fevereiro de 1860, com 49 anos, culminando uma doença que vinha agudizando-se desde, pelo menos, finais de 1859. As disposições testamentárias incluíram grossas esmolas. Aquando do funeral, por exemplo, foram distribuídas oito mil esmolas, num total de oito contos de réis. Em termos de legados, registe-se um no valor de dois contos de réis, cumprido apenas em 1861.

Quanto a Manuel Pinto Leite, irmão dos já referidos Joaquim, José e Sebastião, sabe-se que viveu em Paris, no meio de grande fausto⁴.

³ A.H.M.P., Plantas de Casas, L.º XIX, fl. 142-145.

⁴ Informação que devemos a José de Nápoles.

Em suma, os Pinto Leite foram uma das mais influentes famílias do Porto (e do país), em meados do século XIX. Em termos económicos, os Pinto Leite revestiram-se de uma importância fundamental para a cidade do Porto, pois estiveram ligados a grandes negócios e à banca, tendo sido das poucas famílias portuenses que se instalaram com filiais comerciais em Inglaterra, quando nessa época o movimento económico se fazia no sentido inverso: eram sobretudo os ingleses que se instalavam no Porto com o seu negócio. Assim, os Pinto Leite foram das raras famílias portuguesas de negociantes que se podiam dar ao luxo de especular preços no grande mercado inglês, como se equacionou aquando da célebre crise do algodão. As marcas desta grande capacidade económica ainda hoje perduram no Porto, nomeadamente no palacete da família Pinto Leite – conhecido como Casa do Campo Pequeno. É esta casa, mandada construir por Joaquim Pinto Leite, o objecto principal do presente trabalho.

A construção da Casa do Campo Pequeno

Não nos propomos aqui tratar o referido palacete com profundidade. Em primeiro lugar, porque mereceria um trabalho com outra extensão, o qual talvez seja mais viável dentro de alguns anos, quando for possível voltar a reunir parte do espólio documental furtado da casa quando esta passou para a posse da Câmara Municipal do Porto, espólio esse que tem surgido insistentemente, mas de forma avulsa, no mercado dos alfarrabistas. Em segundo lugar, porque o palacete foi já muito alterado, quer por obras posteriores à edificação original, quer pela sua adaptação mais recente a Conservatório de Música do Porto, pelo que não é hoje fácil traçar o percurso evolutivo desta casa. De qualquer modo, refira-se que a própria ideia do palacete merece uma reflexão. Desejaria Joaquim Pinto Leite retirar-se do bulício da cidade? Note-se que a casa apalaçada foi construída numa zona pouco movimentada e a sua tipologia, a maneira como se relaciona com a via pública, sugere um meio termo entre a casa urbana e a casa de quinta ou casa de recreio. Nesta casa apalaçada, Joaquim Pinto Leite concretizou uma ideia inovadora, em que a influência britânica é por demais evidente. Para já, refira-se que a escolha de um local no Campo Pequeno, mesmo junto ao cemitério britânico, não deve ter sido inocente.

A julgar pela planta do Porto de Joaquim da Costa Lima Júnior, de 1839, ao lado da casa que Joaquim Pinto Leite mandou erigir, existia já uma casa recuada e murada, com jardim pela frente (no terreno onde está hoje a Maternidade Júlio Dinis). Numa planta de 1865⁵, assinala-se claramente o palacete de Joaquim Pinto Leite, mas no referido terreno, o que deve ser um erro de quem elaborou a planta (fig. 10). De qualquer modo, o ter confundido o local da nova casa apalaçada com o de uma outra anterior (da família Gubian) demonstrará talvez como a de Joaquim Pinto Leite era bem mais marcante.

⁵ Quer a planta de 1839, quer a de 1865, foram publicadas em *Álbum de cartografia portuense (cinco plantas anteriores à de 1892)*. Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1992.

A aquisição de terreno para o palacete terá sido iniciada já em 1854. Em 1857, encontrámos a referência à demolição de casas no Campo Pequeno, propriedade de Joaquim Pinto Leite. Porém, segundo a tradição familiar, Joaquim Pinto Leite detinha ali várias propriedades, pelo que esta demolição podia não ter relação directa com a construção do palacete, mesmo que este tenha sido erguido em mais do que um lote de terreno. Ainda assim, é de 1857 o projecto para a frente gradeada da casa, indício de que – na época – ali decorriam (ou iam decorrer em seguida) obras de vulto⁶.

Em 1858 há notícia do cancelamento da arrematação do prédio comercial de Joaquim Pinto Leite nos Lóios. Esta última referência sugere-nos que Joaquim Pinto Leite pretendia abandonar a residência nesse prédio e depois terá voltado atrás na sua decisão. Estaria então o palacete do Campo Pequeno já em construção.

Quando morre o seu irmão José Pinto Leite (Fevereiro de 1860), Joaquim Pinto Leite já residia no Campo Pequeno, mas o palacete ainda não estaria totalmente terminado. Sabemos que em Setembro de 1860 foi dado como concluído um prédio no Campo Pequeno, propriedade de Joaquim Pinto Leite, mas não apurámos ainda se era já o dito palacete. Mesmo assim, a verdade é que este palacete terá sido uma obra levada a cabo por fases. Em 1862 surge na imprensa uma interessante referência que dá conta da obra do palacete de Joaquim Pinto Leite ter sido dirigida pelo mestre Francisco Geraldo da Silva Sardinha, que se recusara então a continuar a obra. É um indício de que, afinal, não estava ainda concluída sequer a empreitada de pedreiro. Porém, em 1863, esta estaria já certamente concluída. Aliás, em 1864, Joaquim Pinto Leite fez publicar um anúncio para contratação de um jardineiro que soubesse riscar jardins. Este anúncio, certamente a pensar no espaço envolvente do palacete, repete-se em 1865. Para dar maior dignidade a este jardim, terá sido adquirido um outro terreno no Campo Pequeno, em 29 de Setembro de 1863.

Quanto ao mestre pedreiro Francisco Geraldo da Silva Sardinha – também conhecido por Francisco Geraldo da Silva – era filho de João da Silva e de Ana dos Santos, do Lugar do Mexedinho (Pedroso – Vila Nova de Gaia) e foi casado com Maria Pedrosa, do mesmo lugar (filha de Alexandre Fernandes e de Ana Pedrosa, de Fofim de Além). Era pai do arquitecto José Geraldo da Silva Sardinha, que deixou obra no Porto e foi professor da Academia Portuense de Belas Artes.

O pai de Francisco Geraldo da Silva Sardinha, era também conhecido por João Geraldo da Silva Sardinha e foi o primeiro mestre pedreiro da Igreja da Trindade, com o encargo de riscar, tendo sido o construtor dos arcos da abóbada da mesma igreja. Francisco Geraldo da Silva Sardinha trabalhou também nesta obra como ajudante, obra essa que – numa fase ulterior – viria a ser dirigida por José Geraldo da Silva Sardinha e onde trabalharam os irmãos deste último.

Francisco Geraldo da Silva Sardinha era, pois, um mestre pedreiro proveniente de família com fortes tradições na construção em granito, sendo na época um dos

⁶ A.H.M.P., Plantas de Casas, L.º XXI, fls. 93-94.

mais conceituados no Porto. Contudo, seria o risco da casa da sua autoria? Se o fosse, certamente que o mesmo teria sido bastante condicionado pela ideia que o encomendador tinha para a sua casa. Pode-se deduzir esse facto pela análise de uma interessante carta inédita enviada de Inglaterra por um dos irmãos de Joaquim Pinto Leite, possivelmente Sebastião Pinto Leite ou José Pinto Leite⁷:

“Senhor Joaquim Pinto Leite, Porto.

Manchester, 16 de Abril de 1852.

Mano amigo,

A construção das casas neste país, em todos os respeitos, é muito diferença desse, como terá sido informado; no andar da rua o aproveitam no geral para sala de visitas, de jantar, de almoço, livraria, cozinha e seus acessórios, e no primeiro andar, ou primeiro e segundo, são quartos. As casas que temos visto, entendemos serem pequenas para o que deseja e, sem nos dar alguns detalhes, entendemos ser tempo perdido. De vossa mercê, irmãos amigos, Pinto Leite & Irmão”.

Depreende-se desta carta que Joaquim Pinto Leite pretendia uma casa relativamente grande, onde toda a família pudesse hospedar-se, incluindo alguns dos irmãos que não residissem habitualmente no Porto. Pretendia também uma casa que seguisse modelos ingleses, tendo encarregue os irmãos que ali se tinham estabelecido de fazer uma prospecção de alguns exemplos que pudessem servir de modelo. Tudo isto passa-se em 1852, dois anos antes da primeira aquisição de terreno por nós referenciada para a Casa do Campo Pequeno, pelo que Joaquim Pinto Leite tinha uma ideia mais ou menos clara em mente, mesmo que não estivesse habitualmente em Inglaterra, de modo a inspirar-se ali de modo mais substantivo.

Assim, é possível que os irmãos de Joaquim Pinto Leite tenham-lhe dado posteriormente outras dicas para a sua casa e mesmo que Joaquim Pinto Leite tenha visto depois algumas casas ricas inglesas *in loco*. Francisco Geraldo da Silva Sardinha poderia ter sido o autor do risco, fortemente condicionado por ideias concretas impostas pelo encomendador, que não deviam ser tão estranhas para o mestre pedreiro, já que a influência do neoclassicismo britânico era ainda forte na arquitectura da cidade do Porto. Porém, não descartamos a hipótese do risco da Casa do Campo Pequeno ter pertencido a outro artista, até mesmo britânico. Aliás, na tradição familiar consta que o palacete fora desenhado mesmo por um arquitecto inglês, mas não encontramos ainda prova cabal desse facto.

Por tudo isto, não podemos considerar Joaquim Pinto Leite como um *brasileiro*, correspondendo ao estereótipo do novo-rico que, durante anos, amealha uma fortuna para depois a ostentar na pátria mãe. Em alguns aspectos, Joaquim Pinto Leite não era, de facto, um *brasileiro* tipo. Esteve pouco tempo a residir em permanência no Brasil e, quando para lá foi, já mantinha uma situação económica estável, tendo a sua estadia no Brasil servido sobretudo para ganhar traquejo no negócio, numa terra de

⁷ Não tivemos ainda oportunidade de ver o original desta carta, mas devemos a sua transcrição (na grafia actual) a José de Nápoles, a quem agradecemos.

oportunidades. Porém, em termos de gosto artístico, Joaquim Pinto Leite tinha um traço em comum com o estereótipo do *brasileiro*: tinha pose e gostava de manter uma certa ostentação. A sua escrita e, sobretudo, a assinatura são reflexo disso mesmo⁸.

Joaquim Pinto Leite ostentava, sim, mas com bom gosto. Tinha pose, mas rejeitava as honrarias vãs, apenas dedicando-se ao negócio. Demonstra-o a carta que escreveu à Associação Comercial do Porto em 13 de Março de 1865, quando foi eleito para director sem o pretender ser, devido aos seus “*muitos affazeres*”. Pelas mesmas razões, Joaquim Pinto Leite não se quis intrometer na política. Joaquim Pinto Leite seria também um homem algo despistado, pois encontrámos vários anúncios em que oferecia recompensas por objectos perdidos.

Marcara-lhe igualmente uma certa forma britânica de estar na vida, séria, pragmática, a qual continuou com os descendentes, todos eles educados em Inglaterra. O resultado desta amálgama de influências é visível no palacete que mandou construir ao Campo Pequeno – que foi único do seu género no Porto, bem como no seu jazigo-capela no Cemitério da Lapa, que é um dos mais notáveis do género na Europa.

A construção da capela sepulcral de Joaquim Pinto Leite

Porque é anterior à Casa do Campo Pequeno e serve de interessante termo de comparação estético com esta, façamos primeiramente uma análise ao jazigo de família de Joaquim Pinto Leite, no Cemitério da Lapa (fig. 2).

Em 9 de Janeiro de 1848, Joaquim Pinto Leite adquiriu da Irmandade da Lapa um terreno para jazigo. O motivo da compra terá sido a morte de uma menor, filha mais velha de Joaquim Pinto Leite, que faleceu em Julho de 1846. O funeral foi na Igreja da Lapa, tendo sido descrito pela imprensa: “(...) *presenciei um acto religioso (...), que não posso deixar de o mencionar pela sua pompa e grandeza com que se effectuou; a Igreja com toda a decência illuminada, e ornada com uma linda Eça, na qual foi depositada a filha mais velha do Illm.º Snr. Joaquim Pinto Leite, negociante desta cidade, uma excellente orchestra acompanhava os responsos da innocente menina, que apenas contava 6 annos. Não posso mencionar o número de convidados, porque era impossível contá-los, mas posso asseverar que excedião de 400 pessoas das principaes da cidade; o Snr. Pinto Leite na verdade não pode duvidar que tem amigos, e que estes o estimão; pois que de ordinário os convites feitos para aquella Igreja, são sempre mesquinhos, em razão da sua longitude, porém não aconteceu assim a este Senhor: todos sabem quanto elle ama seus filhos (...)*”⁹.

⁸ QUEIROZ, Francisco – *A aplicação da Psicologia da Escrita na investigação em História da Arte*. Porto, 2003 (separata da Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património, Vol. II, homenagem a António Cardoso), p. 375-376.

⁹ Veja-se QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal*. Tese de Doutoramento em História da Arte, vol. 2, apêndice documental, doc. n.º 20.

Sabemos que o jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite estava em construção em Outubro de 1848. Certamente que a capela ficaria a constituir jazigo de família, dada a sua dimensão desmesurada. Porém, a monumental capela terá sido construída sobretudo a pretexto de sepultar esta menor falecida em 1846, o que não deixa de ser notável. Efectivamente, consta na tradição oral familiar que está uma criança sepultada na urna que serve de altar ao jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite.

Joaquim Pinto Leite pretendia erigir uma capela que se veio a tornar excepcional, muito acima do que até então tinha sido construído no Cemitério da Lapa, necessitando para isso de um local apropriado. Como na secção lateral poente já não havia um local suficientemente nobre e destacado a ocupar – quase todos os espaços disponíveis em frente a ruas perpendiculares estavam já tomados – Joaquim Pinto Leite terá resolvido ocupar um terreno em frente à rua perpendicular central do cemitério, mas do lado nascente. Assim, foi graças a Joaquim Pinto Leite que se inaugurou uma nova secção lateral no Cemitério da Lapa, quando a secção lateral poente ainda não estava sequer completa.

O terreno para esta nova secção lateral nascente pertencia à Câmara Municipal do Porto¹⁰. Em 9 de Janeiro de 1842 – ultimavam-se ainda partes do próprio cemitério – João da Silva Ribeiro propôs pedir-se à Câmara Municipal do Porto o aforamento do terreno que a mesma possuía entre o cemitério e o novo alinhamento da Rua de S. Brás. A medição do terreno foi feita em 8 de Novembro de 1843.

A ideia de João da Silva Ribeiro, fundador do Cemitério da Lapa, seria certamente aumentar o espaço disponível para o cemitério. Falta saber se este pedido de aforamento previa já a construção no local de uma nova secção lateral para capelas. Nesta época, poucas capelas tinham sido construídas na secção lateral poente, não sendo na altura muito evidente que viesse a ser necessária uma nova secção lateral. Por outro lado, a secção lateral poente prestava-se à construção de capelas laterais contíguas, pois era zona de encosta rochosa. Ao contrário, a parte aforada pela Câmara Municipal do Porto não era muito conveniente para esse fim. Como ainda hoje se pode verificar, algumas das capelas ali erigidas têm uma profundidade falseada, pois a largura do terreno não era uniforme e havia que seguir o alinhamento primitivo do tabuleiro central do Cemitério da Lapa. O declive acentuado nessa faixa de terreno em relação à Rua de S. Brás, sobretudo na parte sul, também não ajudava. Por outro lado, a Irmandade da Lapa poderia ter em plano, já antes de 1842, a ampliação do cemitério para a parte superior (mais ao poente da secção lateral primitiva), devido ao facto do espaço onde está hoje a escadaria principal de acesso a esta secção não ter sido ocupado com um jazigo-capela, apesar de ser um local nobre no cemitério. Mas, se esta hipótese se confirmar, podemos também admitir mais facilmente que João da Silva Ribeiro já em 1842 tinha em mente o encerramento do espaço do cemitério primitivo com capelas monumentais de ambos os lados, constituindo assim um verdadeiro *campo santo* à italiana.

¹⁰ Veja-se uma planta incluída na nossa tese de Mestrado, *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista – O Cemitério da Irmandade de N.ª Sra. da Lapa, 1833-1900*, vol. III, p. 4.

Estamos hoje menos inclinados para a hipótese de ter sido o próprio Joaquim Pinto Leite, no seu desejo de um local apropriado para tão grande construção sepulcral, quem influenciou a Irmandade da Lapa a destinar aquele terreno para uma nova secção lateral de capelas, hipótese essa que tínhamos lançado na nossa dissertação de Mestrado. De qualquer modo, não se pode retirar pioneirismo a Joaquim Pinto Leite. Por causa disso, a construção deste jazigo-capela sofreu algumas vicissitudes.

Em 1 de Novembro de 1848, o Director da Irmandade da Lapa, Tomás António de Araújo Lobo, dava conta à respectiva Mesa que “*achando-se a construir huma nova capella de sepultura, pertencente ao nosso Ill^m. Snr. Joaquim Pinto Leite em o terreno que recentemente esta Irmandade havia tomado de prazo à Exma. Câmara (...); fazendo face à Rua de S. Braz, appareceu o Exmo. Snr. Visconde de Beire reclamando contra a nova obra, disendo que ofendia a pureza da ágoa da sua mina que passa pela mesma rua abaixo para a sua quinta do Campo da Regeneração, a cuja assersão elle Director e Secretario fizêrão por demonstrar que a nova obra daquella capella, e d’outras que viessem a construir-se não prejudicávão a ágoa, e não podendo convencer disto o Exmo. Visconde, pactuarão que sobre o local se fizesse huma amigavel vistoria, a qual teve lugar no dia 28 de Outubro p: p: assistindo, tanto por parte da Irmandade, como do Exmo. Visconde, Mestres Pedreiros, Facultativos e Chimicos, que depois de uns e outros falarem sobre a questão, não foi possível obter-se huma amigavel concepção da parte do mesmo Exmo. Visconde, para continuar com a principiada obra, receoso do prejuizo que sofferia a sua ágoa; mas elle assumindo a huma lembrança de que a Irmandade fazendo-lhe o encanamento da ágoa em todo o cumprimento do nosso cemiterio, em canos de pedra dentro da mina, de forma a que a ágoa não corresse pelo seu leito como até agora, mas pelos canos consentiria que se construísse aquella e mais capellas, e outras obras concernentes no cemiterio (...)*”. Esta resolução amigável foi aprovada pela Mesa da Irmandade da Lapa, de modo a “*livrar*” a Irmandade “*de questões judiciais, quase sempre incertas*”¹¹. Em 13 de Março de 1849, assentou-se em acta o arquivamento de um documento sobre as obras no terreno aforado a nascente do cemitério, documento esse que dever-se-á referir ao acordo chegado com o Visconde de Beire.

Não apurámos ainda quando terá sido concluído o encanamento da mina e quando foi autorizada a continuação da obra do jazigo-capela. De qualquer modo, a capela estava certamente concluída em 1852, precisamente quando Joaquim Pinto Leite recebia as já citadas informações de Manchester, sobre a tipologia das grandes casas inglesas. De facto, em 22 de Dezembro desse ano, Joaquim Pinto Leite manifesta à Irmandade da Lapa a pretensão de mandar fazer um muro pelo exterior da sua capela, para a vedar de qualquer coisa “*menos limpa*”. Porém, esta pretensão causou alguma apreensão na Irmandade da Lapa, pois o muro ficaria construído fora do espaço concedido para jazigo. Assim, em 4 de Abril de 1853, Joaquim Pinto Leite combinou com a Irmandade a maneira de forrar a capela de cantaria, pela

¹¹ QUEIROZ, Francisco – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista*, vol. III, p. 120-121, documento n.º 10.

parte de fora. Na altura, Joaquim Pinto Leite tinha já dado “*princípio a forrar de cantaria (...) com nova parede pela parte do Sul, e Norte*”¹². Foi então estipulado que, se viesse a ser construída qualquer capela ao lado, as paredes que Joaquim Pinto Leite estava a levantar pertenceriam à medição da mesma nova capela, pelo que Joaquim Pinto Leite não teria direito algum ao terreno ocupado pelas paredes, ficando apenas com direito à benfeitoria. Curiosamente, este acordo não terá sido cumprido, pois ainda hoje existe um estreito corredor entre a capela de Joaquim Pinto Leite e a que lhe ficou imediatamente a sul.

Análise da capela de Joaquim Pinto Leite

O jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite, o n.º 36 da secção lateral (nascente) do Cemitério da Lapa, é uma capela neoclássica profusamente decorada com motivos iconográficos ligados à morte romântica. Esta capela magnífica foi a primeira capela lateral construída em pedra mármore no Cemitério da Lapa.

A sua autoria não está documentada e, pela sua qualidade e precocidade, adiantámos mesmo na nossa dissertação de Mestrado a hipótese de não ter sido executada em Portugal. Contudo, pelos dados que temos vindo a aprofundar nos últimos anos, julgamos ser bem possível que a capela tenha sido construída no Porto, embora a um só mestre canteiro nos pareça poder ser atribuída a sua autoria: Emídio Carlos Amatucci¹³.

De facto, apesar de ser uma capela sem paralelo em Portugal, apresenta tipologias de construção e decoração que se assemelham às posteriores obras cemiteriais em forma de capela executadas por Emídio Amatucci. Esses indícios são mais evidentes no interior da capela de Joaquim Pinto Leite, pela utilização do mármore azulado nos revestimentos parietais, intervalados por pilastras clássicas – solução que Emídio Amatucci utilizou no interior e no exterior de alguns jazigos-capela saídos da sua oficina, embora não conheçamos nenhum jazigo-capela construído por Emídio Amatucci anterior à década de 1850. De facto, no Porto, o jazigo-capela da década de 1840 é sempre em granito, pelo que a capela de Joaquim Pinto Leite é um marco fundamental na mudança do gosto que irá vigorar em toda a segunda metade do século XIX. A capela de Joaquim Pinto Leite foi a primeira do seu género e, em termos de dimensão e estéticas, acabou por ser a única.

Mas existem mais indícios de que esta capela tenha saído da oficina de Emídio Amatucci. O sarcófago principal – simulando o altar – com a sua decoração profusa, denota o gosto classicista italianizante de Amatucci. Os dois outros sarcófagos do interior da capela são mais austeros, mas semelhantes a outras obras sepulcrais

¹² QUEIROZ, Francisco – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista*, vol. III, p. 121, documento n.º 11.

¹³ Sobre este ornatista, veja-se a nossa já referida tese de Doutoramento em História da Arte.

de Emídio Amatucci, nomeadamente algumas que terão sido inspiradas em monumentos do Cemitério Britânico do Porto.

Austeridade e ornato são características da arte de Emídio Carlos Amatucci e, apesar de parecerem contraditórias, conjugam-se perfeitamente na capela de Joaquim Pinto Leite: *austeridade*, pelo gosto do neoclassicismo de filiação britânica, de volumes graves, linhas bem marcadas e arestas vivas (sobretudo nos dois sarcófagos laterais do interior da capela); *ornato*, pelo uso da pedra mármore e pela adopção de linguagens clássicas mais decoradas, recusando – por exemplo – a ordem dórica, recusa que sucede nesta capela de Joaquim Pinto Leite.

A fachada do jazigo-capela apresenta um esquema aproximado ao neopaladianismo, dividida verticalmente em três registos. O principal é um corpo saliente rustificado que origina um portal reentrante, em arco, com dois degraus de acesso. Trata-se de uma solução do classicismo tipicamente britânico. A pedra de chave do arco está bastante enfatizada, sendo decorada com folhagens de acanto que simulam uma consola de suporte a um pequeno plinto com gotas na parte inferior. Em cima deste pequeno plinto foi colocado um mocho bem esculpido, estando de cada lado uma toalha fúnebre suspensa em grinalda, com a particularidade de ser suspensa por uma argola junto ao plinto e por um crânio junto ao cunhal deste corpo saliente.

O segundo registo, ligeiramente recuado em relação ao corpo saliente principal, é constituído por duas colunas jónicas, uma de cada lado. O terceiro registo é um estreito paramento rustificado, que serve para dar profundidade à fachada. Estes três registos verticais têm correspondência no entablamento e na cornija, esta profusamente decorada à maneira clássica.

Na cimalha notam-se os mesmos três tempos em sentido vertical, sendo o central o único que define a amplitude do frontão triangular, decorado com frisos de óvulos e em cujo tímpano existe uma serpente em círculo, símbolo da eternidade (fig. 4). O segundo registo serve apenas para dar profundidade ao coroamento da capela, enquanto que o terceiro registo quase não se vê, sendo uma platibanda lisa e baixa que se prolonga para trás através de um desenho arredondado. Sobre a cornija dispõem-se vários elementos iconográficos bem esculpidos: ao centro, uma urna drapeada, flanqueada à direita por uma coroa de louros e, à esquerda, por uma ampulheta alada. Nos extremos desta composição e partindo do centro, estão dois fachos virados cada um para seu lado.

O tipo de cruz que coroa o frontão da capela e o estilo bem ornado dos elementos iconográficos dispostos sobre a cornija, nomeadamente a forma de execução das asas da ampulheta, os gomos na urna e o formato desta, são indícios que apontam para a autoria de Emídio Amatucci. Seria talvez suficiente comparar esta urna drapeada com a urna do monumento de Domingos Ribeiro dos Santos, também no Cemitério da Lapa¹⁴. As semelhanças são evidentes. Este último monumento pode ter sido executado por Emídio Amatucci, eventualmente com risco de

¹⁴ Veja-se a nossa já referida tese de Doutoramento, vol. II, p. 162.

Joaquim da Costa Lima Júnior, pela síntese que o monumento faz entre o gosto neopaladiano e o gosto clássico italianizante de Emídio Carlos Amatucci. Ora, não nos custaria admitir que também a capela sepulcral de Joaquim Pinto Leite tivesse sido desenhada por Joaquim da Costa Lima Júnior e executada por Amatucci. Ainda assim, perante os dados que temos, esta hipótese é bastante incerta: a capela possui talvez um pouco mais de ornato do que aquilo que terá sido timbre de Joaquim da Costa Lima Júnior. De qualquer modo, estamos persuadidos que foi realmente a oficina de Emídio Carlos Amatucci que executou este monumento. As evidências comparativas são flagrantes. Se a hipótese de atribuição do risco da capela de Joaquim Pinto Leite a Joaquim da Costa Lima Júnior se confirmar, julgamos até que o mestre canteiro e ornatista Emídio Amatucci terá introduzido várias modificações, sobretudo ao nível do ornato. Assim, porque não admitir também uma outra hipótese, a de ter sido o próprio Emídio Amatucci a riscar a capela? Não vislumbramos nenhum indício em contrário, senão o facto de poder ser algo estranho que Joaquim Pinto Leite tivesse encarregue Emídio Amatucci dessa grande responsabilidade, quando Amatucci não teria provas dadas neste tipo de monumento, pois – até à data – não tinha ainda construído inteiramente nenhum jazigo em forma de capela.

Concluindo a análise da capela de Joaquim Pinto Leite, refira-se que poderá ter havido originalmente elementos arquitectónicos decorativos (urnas, vasos, figuras alegóricas?) em dois ressaltos do soko que hoje estão vazios, à frente dos cunhais e junto da base das colunas. Refira-se também que não há inscrição no exterior do jazigo-capela, nem se previu sequer um campo epigráfico evidente na fachada. Apenas o sarcófago principal do interior da capela levou uma tabela ovóide, ornada por panejamentos. Nesta tabela nada hoje se lê. Este sarcófago foi encimado por uma cruz apoiada em volutas, simulando a cruz do nicho de um altar que não existe. Trata-se de um sarcófago extremamente decorado, apesar de possuir alguns espaços lisos (fig. 5). O seu recorte é algo barroquizante, contrastando com os dois outros sarcófagos, clássicos e totalmente lisos, apenas rodeados na cimalha por um festão de louro. Os próprios acrotérios destes dois outros sarcófagos não possuem decoração, nem sequer neles existe campo epigráfico. Porém, é de notar que se apoiam em esferas abauladas, outro indício de que a capela foi executada por Emídio Amatucci.

Com tão grande nobilitação no interior da capela, é óbvio que este interior foi desenhado para ser visto, tal como sucedia nas outras capelas laterais do Cemitério da Lapa, tendo de se olhar para o interior para ver os epitáfios. Porém, neste caso, o espaço interior da capela não contém gavetões. Já não era a primeira capela lateral do Cemitério da Lapa em que isso sucedia. Porém, esta é a primeira capela sepulcral romântica no norte de Portugal que levou sarcófagos no interior, como se fosse uma grande capela particular de família ligada ao interior de uma igreja. Os gavetões da capela ficam no carneiro subterrâneo.

Como já referimos na nossa dissertação de Mestrado, esta capela levou um excepcional portão inteiramente em ferro fundido, provavelmente o primeiro portão inteiramente fundido aplicado a um monumento sepulcral no noroeste de

Portugal (fig. 3). Supondo que a capela terá sido concluída já no início da década de 1850, o portão será desta altura, embora possa ter sido planeado ainda no final da década de 1840.

Na bandeira, orlada por motivos vegetalistas, existe uma estrela irradiante de cinco pontas. Os raios irradiam em três tempos, ocupando toda a bandeira, onde também existe uma serpente formando círculo. Tanto a estrela como a posição da serpente reforçam a ideia de eternidade. No corpo de cada batente, existe um facho invertido encimado por uma ampulheta alada com flâmula, tudo orlado por dormideiras. Entre o corpo e a base de cada batente existe um festão suspenso em grinalda. A base de cada batente é também decorada com motivos vegetalistas (heras), tendo ao centro uma urna grega flamejante e dois fachos cruzados. Servindo de capitel ao pseudo-colunelo que marca o centro do portão, bem como às secções de pseudo-colunelo das orlas, existem morcegos e, mais acima, pinhas.

O que mais salta à vista neste portão é o seu ornato e a enorme diferença de espessura entre os elementos fundidos, em perfeito acabamento, bem como o facto das várias partes do portão se intercomunicarem entre si, diluindo todo o tipo de separação estética entre a bandeira, os dois batentes e as respectivas bases. Trata-se de uma obra de mestre, que se adequou de forma excelente ao carácter simultaneamente pesado, austero e decorado da capela. Este trabalho excepcional em ferro fundido, tão díspar de tudo o que até então se tinha executado em ferro no Cemitério da Lapa (e mesmo nos cemitérios de Lisboa), permitiu-nos já supor na nossa dissertação de Mestrado que o portão tenha sido trazido de fora de Portugal. A França seria uma hipótese, pelo avanço que ali tomava a fundição artística e a monumentalização dos cemitérios. Porém, não conhecemos o modelo deste portão nos poucos catálogos e álbuns de fundições francesas que visionámos. Por outro lado, tendo em conta as relações privilegiadas dos Pinto Leite com a Inglaterra, poderíamos também admitir a hipótese do portão ter sido dali trazido, já que era também um país de charneira em termos de fundição. Contudo, lembramos que os jazigos-capela não foram comuns na arquitectura tumular britânica e, nesta época, o modelo de monumentalização dos cemitérios românticos baseados no Père Lachaise estava ainda no seu começo na Grã-Bretanha, limitando-se a alguns cemitérios de elite, sobretudo em Londres.

O portão enquadra-se perfeitamente com a capela de Joaquim Pinto Leite, sendo maciço, mas permitindo uma boa visão para o interior, quase propositada pelo espaço vazio que é deixado ao centro do corpo dos batentes. Assim, tendo em conta que – como demonstrámos em anterior trabalho¹⁵ – poderá ter sido Emídio Amatucci a executar os moldes para as peças fundidas que guarneceram o portão do Cemitério da Régua (entre as quais, uma ampulheta alada semelhante à que existe no portão da capela de Joaquim Pinto Leite); tendo em conta que o ornato da capela de Joaquim Pinto Leite é semelhante ao ornato do respectivo portão (o mesmo tipo

¹⁵ Veja-se a nossa já referida tese de Doutoramento, vol. I, tomo 1, p. 624.

de serpente e de frisos, por exemplo); tendo em conta que a capela de Joaquim Pinto Leite terá sido construída por Amatucci, artista que não se inibiria de riscar os próprios portões se a isso fosse chamado, modelando-os também – caso fosse necessário fundi-los em metal – pois Amatucci era um modelador; então podemos considerar a hipótese deste portão ter sido modelado por Emídio Amatucci e fundido em alguma fábrica do Porto. Dada a dificuldade da peça, supomos que só poderia ter sido fundida na fábrica do Bicalho ou na recém-criada fábrica de Massarelos, eventualmente na do Bolhão, que já existia à época¹⁶. Não nos parece crível que tivesse sido obra de uma fábrica de Lisboa, pois as fundições do Porto eram tecnicamente equiparáveis e em Lisboa não encontramos portão de jazigo semelhante.

Caso tenha sido executado em Portugal, estamos persuadidos de que este portão é obra única e o molde terá sido posteriormente destruído, para evitar cópias. De qualquer modo, o portão serviu de modelo a uma tipologia muito copiada em cemitérios do Porto e do norte de Portugal, entre finais da década de 1880 e finais da primeira década do século XX. Esta viria mesmo a ser a tipologia de portão de capela sepulcral inteiramente fundida mais utilizada em finais de Oitocentos nos cemitérios da área estilística portuense. Por essa razão, supomos que este portão da capela de Joaquim Pinto Leite causou um grande impacto nos portuenses, tendo servido como verdadeiro marco de uma mudança de gosto, com ecos várias décadas depois. O mesmo podemos dizer da capela sepulcral propriamente dita, embora nunca tenha sido verdadeiramente imitada. De facto, esta capela foi elogiada mais tarde, em guias do Porto que assinalavam o Cemitério da Lapa, como uma das mais notáveis construções do cemitério. Eis um exemplo: “*Quem for ao longo da rua do lado direito do cemiterio, extasia-se ao contemplar cinco capellas d’uma riqueza e magnificencia admiravel; principalmente as do ex.mo visconde de Pereira Machado, e [a de Joaquim] Pinto Leite*”¹⁷.

Se a capela de José Luís Nogueira Júnior (n.º 13 lateral do Cemitério da Lapa), que supomos tenha sido construída em 1848, apontou a direcção estética de um neogótico mais assumido, esta capela de Joaquim Pinto Leite adiou a chegada plena do neogótico sepulcral no Porto e estabeleceu as bases estéticas para uma progressiva ostentação dos monumentos sepulcrais, mostrando como isso era bem mais fácil de obter com o recurso à pedra mármore. Claro que uma capela monumental em pedra mármore ficava muito dispendiosa e nem em Lisboa se construía de forma tão monumental com uma pedra cujos custos ali se tornavam mais baixos, pela proximidade das lavras e pela maior concorrência entre oficinas. Porém, a capela de Joaquim Pinto Leite abriu o precedente para um novo tipo de capela, ainda presa ao classicismo, mas mais decorativa, tendo ficado a excelência da arte de Emídio Amatucci avalizada. Daqui em diante, não mais esta oficina de cantarias pôde ser

¹⁶ Sobre as fábricas de fundição do Porto, veja-se – da nossa autoria: *Subsídios para a História das fábricas de fundição do Porto no século XIX*. In “Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto”, 4ª série, n.º 19, 2001, pp. 141-185.

¹⁷ Veja-se a nossa já referida tese de Doutoramento, vol. II, apêndice documental, doc. n.º 37.

ignorada pelos mais abastados portuenses que pretendessem ostentar uma memória romântica de classe em pedra mármore. Porém, ao contrário do que sucedeu com a capela de Joaquim Pinto Leite, muitos outros exemplos posteriores de ostentação propositada redundaram em monumentos bem mais exagerados e de um gosto nem sempre equilibrado.

A capela de Joaquim Pinto Leite foi, pois, uma construção marcante e singular, podendo-se concluir por paralelismos entre a capela e a casa que Joaquim Pinto Leite mandou erigir, pela sua singularidade, pelas estética utilizada (mesmo sendo a casa alguns anos posterior) e pela influência britânica.

Outros monumentos sepulcrais da família Pinto Leite

Mas não foi só Joaquim Pinto Leite a mandar erigir uma capela sepulcral notável, tal como mandou erigir uma casa equivalente em dignidade arquitectónica e singularidade. Em 21 de Janeiro de 1855, José Pinto Leite obteve da Irmandade da Lapa 40 palmos de terreno, do lado norte da capela já erigida por Joaquim Pinto Leite. O terreno comprado era tão vasto (quase nove metros de frente) que dava para erigir duas capelas de grande dimensão, pelo que a Irmandade da Lapa teve de decidir o preço, uma vez que ninguém tinha comprado tanto terreno antes. Este preço ficou estipulado em 200\$000.

Ora, José Pinto Leite entrou para a Irmandade da Lapa em 31 de Janeiro de 1855, depois de adquirir o terreno, embora no termo de concessão seja já chamado de irmão. Não apurámos ainda porque foi comprado tão grande terreno e que morte pode ter, eventualmente, despoletado a compra. De qualquer modo, José Pinto Leite manifesta-se também como uma personalidade interessante, não só pela ideia de tão grande jazigo-capela, mas até por ter residido em Londres – onde os seus filhos foram todos educados – um facto altamente relevante na época, sobretudo tendo em conta que não havia um motivo familiar para essa escolha (uma esposa inglesa, por exemplo). O motivo inicial da sua residência em Londres terá sido meramente empresarial, o que é também singular, pois – como já referimos – o movimento migratório com esse móbil era esmagador precisamente no sentido inverso.

José Pinto Leite acabou por não empreender a megalómana tarefa de construir uma capela sepulcral, que virtualmente viria a ser a maior do cemitério em superfície. Talvez a não construção da capela por parte de José Pinto Leite se possa ter devido à ausência no Porto do concessionário do terreno, e não propriamente à falta de fundos, pois José Pinto Leite vivia com grandes rendimentos, assim como os seus irmãos em geral.

Podemos admitir que José Pinto Leite tenha pensado num jazigo para si próprio, precisamente porque a sua saúde era então já bastante precária, temendo-se o pior. Curiosamente, mesmo após a sua morte, a capela não foi construída. José Pinto Leite poderia ter deixado no Cemitério da Lapa um jazigo verdadeiramente

grandioso, mas acabou por ficar sepultado no jazigo do seu irmão Joaquim Pinto Leite. Mais tarde, os seus restos foram trasladados para o Cemitério dos Prazeres e, hoje, jazem no Cemitério de Cucujães.

Quanto ao terreno que José Pinto Leite adquiriu no Cemitério da Lapa, foi em 1874 objecto de partilhas, entre a viúva de José Pinto Leite, a sua filha (Condessa da Penha Longa) e os Condes de Olivais. O terreno acabou por ser dividido em duas partes, ficando apenas uma na posse da família Pinto Leite (a mais a sul e contígua ao jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite).

Neste terreno foi efectivamente erigida uma capela, mas já no início do século XX (n.º 35), a mando do Dr. Licínio Pinto Leite – filho de Joaquim Pinto Leite, emancipado em 1863. Em 1890, Licínio Pinto Leite averbou essa parte do terreno que fora de José Pinto Leite, mas só no início do século XX terá sido construída a capela. De facto, apesar de não existir uma datação exacta, pelo tipo de trabalho do ferro percebe-se que se trata de uma capela sepulcral com estética já do século XX. É certo que poderia ser um portão erudito e ainda do fim do século XIX – uma proposta precoce. Porém, julgamos que o jazigo-capela deverá datar de cerca de 1908, precisamente o ano em que o Dr. Licínio Pinto Leite faleceu (fig. 6).

Trata-se de uma capela neogótica, mas não de um neogótico estereotipado. Notem-se os contrafortes decorativos dos cunhais da fachada – algo pouco comum nas estéticas de jazigos-capela neogóticos em Portugal. Outros exemplos com este tipo de solução arquitectónica são normalmente encontrados em capelas mais eruditas, como a capela do Bispo de Cochim (Senande – Aguiar do Sousa) e a dos Condes do Ameal (Cemitério da Conchada – Coimbra). Assim, é evidente que a capela do Dr. Licínio Pinto Leite não é estereotipada, sendo erudita no seu desenho, mesmo que represente um ponto de chegada e o fim do neogótico tumular erudito. Tudo o resto serão cópias cansativas e banais.

Esta capela sepulcral do Dr. Licínio Pinto Leite possui uma rosácea de trilóbulos e trifólios à cabeceira, com vitrais pintados. O altar também é de gosto gótico, com vários tons de pedra. O tardo da capela é o único da secção lateral nascente do Cemitério da Lapa nobilitado e decorado. Porém, só as pessoas que passassem pela Rua de S. Brás poderiam ver esta nobilitação. Tal facto denota que o desenho desta capela não estava muito adequado à colocação numa secção lateral, contígua a outras capelas. Aliás, mal se percebe hoje que existem duas pequenas alas nesta capela do Dr. Licínio Pinto Leite. O seu portão é também de inspiração gótica, com vários módulos de quadrilóbulos. É um portão em ferro forjado, mas utilizando um tipo de vergalhão mais grosso, de secção quadrangular, típico do início do século XX. Também existem varões torcidos, um efeito muito comum na serralharia desta época e que marca a diferença com o gosto pelo ferro fundido, então já em decadência. Trata-se, pois, de um portão moderno, mesmo que glosando um revivalismo histórico.

Tal como a capela de Joaquim Pinto Leite, também esta capela do Dr. Licínio Pinto Leite foi marcante no Cemitério da Lapa, quer ao nível da arquitectura, quer ao nível do ferro. Aliás, o portão desta capela foi copiado e encontrámos cópias em locais tão distantes como o Cemitério de Trancoso.

O Dr. Licínio Pinto Leite terá sido o grande continuador do seu pai, Joaquim Pinto Leite, em termos de carácter e actividade empresarial, sendo importante referi-lo, até porque terá procedido a alterações na Casa do Campo Pequeno, que hoje tornam difícil a análise do interior original.

Mas também Sebastião Pinto Leite, mesmo que com uma personalidade mais aristocrática e um gosto mais exuberante, acabou por mandar erigir uma capela sepulcral marcante, em Lisboa. Data de 7 de Março de 1872 o requerimento pedindo terreno para erigir aquela que viria a ser a capela n.º 2060-2086 do Cemitério dos Prazeres. O procurador foi o mestre canteiro António Moreira Rato¹⁸, a mando do Visconde da Gandarinha – Sebastião Pinto Leite. Num primeiro requerimento, António Moreira Rato afirma que apresentaria depois o desenho da capela a construir. Porém, só em 26 de Junho de 1873 foi apresentado novo requerimento, desta feita por José António Moreira Rato, como representante da firma de cantarias de António Moreira Rato. A 29 de Julho de 1873 foi oficializada a concessão do terreno. Porém, em 20 de Novembro de 1873 adquiriu-se mais terreno ao lado, o que explica o facto da capela da família Pinto Leite possuir hoje dois números.

Esta capela é uma das mais monumentais no Cemitério dos Prazeres, provavelmente concebida com uma dimensão padrão semelhante à das capelas laterais do Cemitério da Lapa. Assim, resultou numa capela de grande impacto, destacando-se claramente de todas as demais capelas em redor, no Cemitério dos Prazeres (fig. 7).

O revivalismo desta capela sepulcral oscila entre o gótico e o manuelino, sobretudo no portal. Aliás, este portal lembra o da capela monumental n.º 523, de José Maria Eugénio de Almeida, no Cemitério do Alto de S. João, cujo projecto é de 1872. Sendo o risco desta última capela da autoria de Cinatti, poder-se-ia levantar a hipótese deste cenógrafo ter também desenhado a capela Pinto Leite no Cemitério dos Prazeres. Infelizmente, nada em concreto podemos adiantar quanto a esta questão, pois o desenho para esta capela foi, há alguns anos, subtraído do respectivo processo.

Na capela de Sebastião Pinto Leite, o portal apresenta-se bastante cenográfico, mas a grade que circui o jazigo interrompe-se aqui, de modo a que os visitantes possam subir os degraus e aceder ao portão, para ver o interior da capela. Trata-se de uma solução que também parece querer aproximar esta capela das tipologias do Cemitério da Lapa. De facto, o seu interior merecia ser visto: foi ornado com vários tipos de mármore e ostenta uma *pietá* sobre o altar. Os gavetões dispõem-se nos flancos, mas o altar não possui nicho com crucifixo. O elemento cruz foi colocado na base do altar, em relevo de mármore branco aplicado sobre um quadrilóbulo. Sobre o altar existe uma bela composição em relevo, à italiana, enquadrada por um arco quebrado. Nesta composição, representa-se a subida ao Paraíso de uma mulher, levada por um anjo. Mais acima vê-se a Santíssima Trindade e, na parte inferior,

¹⁸ A capela de Sebastião Pinto Leite é apenas um dos exemplos do bom trabalho da oficina de António Moreira Rato, a qual contamos tratar mais aprofundadamente em futuro trabalho.

mostra-se o leito de morte, onde uma personagem feminina vestida à maneira clássica lamenta a perda. Vêem-se também um crucifixo e dois castiçais em cima de um móvel (fig. 8).

A capela possui pedra de armas, mas é também complementada com a inscrição da família. Contudo, os epitáfios procuram-se no interior, como no modelo de jazigo-capela portuense. Os pináculos góticos e a empena alteada são de bastante efeito. Esta empena lembra-nos um pouco as capelas-obelisco do Cemitério da Lapa¹⁹, mas não existem semelhanças evidentes. Aliás, esta capela da família Pinto Leite é extremamente ornamentada, com friso de arquinhos na empena e decoração com folhas de acanto no coroamento. Por outro lado, existem vários ornatos de revivalismo renascentista (grotescos) nos cunhais. Em termos da obra em ferro, a grade de vedação é de inspiração gótica e em ferro fundido. O portão também é em ferro fundido, com bandeira trilobada ultrapassada e apresentando ornatos góticos. A base é em chapa de ferro, com dois fachos cruzados aplicados em cada batente e uma cruz mais abaixo.

Apesar desta capela ser semelhante às grandes capelas do Cemitério da Lapa, em termos de monumentalidade e de outros aspectos que já assinalámos nos parágrafos anteriores, o seu estilo decorativo é lisboeta e muito próximo às propostas tumulares de Cinatti. Trata-se, pois, de uma capela de compromisso entre o estilo dos riscadores e dos canteiros de Lisboa e a vontade dos encomendadores em seguir um certo gosto mais portuense. É notável como foi precisamente a família Pinto Leite a originar essa síntese, demonstrando como o preconceito de que as estéticas sepulcrais utilizadas pelos canteiros lisboetas eram mais cosmopolitas não foi mais forte do que o efeito pretendido. Efectivamente, ainda hoje este jazigo-capela – um dos mais “portuenses” no Cemitério dos Prazeres – é um dos principais motivos de interesse no cemitério. Na sua obra *Estética citadina*, Ribeiro Cristino escolheu mesmo esta capela da família Pinto Leite para abrir a selecção dos túmulos no Cemitério dos Prazeres que valiam sobretudo pelo seu estilo grandioso: “*monumento de estilo «manuelino», tendo pórtico e empena triangular e dois coruchéus com a rica floração do estilo; delicados «grotescos» se salientam em pilastras, tudo artisticamente esculpido*”²⁰.

Esta capela pode ter sido idealizada em 1873, quando se completou o espaço de terreno do jazigo actual, indiciando já haver propósito de erigir uma capela de grande dimensão. Porém, a mesma ostenta a data de 1880. De facto, a primeira inumação registada para este jazigo é a de Margarida Pinto Leite, talvez sobrinha da Condessa de Penha Longa (ou seja, do ramo familiar do Conde de Olivais). Poderá ter sido esta senhora (ou jovem) a representada no relevo do altar. De qualquer modo, a existência deste relevo – com indícios vários de que é contemporâneo da

¹⁹ Sobre as capelas-obelisco, veja-se a nossa já referida tese de Doutoramento, vol. I, tomo 1, p. 747-748.

²⁰ SILVA, João Ribeiro Cristino da – *Estética citadina. Anotações sobre aspectos artísticos e pitorescos de Lisboa*. Edição actualizada e ilustrada da série publicada no “Diário de Notícias”, de 1911 a 1914. Lisboa, Livraria Portugal, 1923, p. 205.

construção da capela – permite supor que a edificação da capela terá sido despolexada pela morte de uma mulher. Ora, se Margarida Pinto Leite faleceu em 11 de Junho de 1878, os seus restos só deram entrada no jazigo em 21 de Fevereiro de 1881. Nesse mesmo dia também deram entrada no jazigo os restos do Comendador José Pinto Leite, irmão de Sebastião Pinto Leite e pai de Clementina Libânia Pinto Leite (Condessa de Penha Longa). Lembre-se que José Pinto Leite falecera em 21 de Fevereiro de 1860 e ficou sepultado no jazigo-capela de Joaquim Pinto Leite (Cemitério da Lapa), uma vez que nenhuma capela foi construída no vasto terreno que José Pinto Leite adquirira no Cemitério da Lapa. Os restos de José Pinto Leite foram exumados da Lapa em 19 de Fevereiro de 1881, de modo a poderem dar entrada no jazigo-capela do Cemitério dos Prazeres no aniversário do seu falecimento.

Por tudo isto, podemos concluir que a capela já estava pronta em Fevereiro de 1881, tendo sido talvez construída no segundo semestre de 1880. Foi dedicada a Margarida Pinto Leite, mas terá sido erigida também a pensar em José Pinto Leite, pois os restos desta finada deram entrada no jazigo apenas no aniversário de falecimento de José Pinto Leite;

Devido ao facto do desenho para a capela estar em falta no respectivo processo, não podemos saber se a capela foi construída de acordo com um projecto de 1873 ou um outro eventual projecto já modificado por volta de 1880. Caso se venha a provar tratar-se do segundo caso, esta capela não poderia ter sido riscada por Cinatti, que estava já morto.

De qualquer modo, mesmo que o desenho seguido tivesse sido aprovado em 1873, data mais próxima à execução do jazigo-capela monumental de José Maria Eugénio de Almeida, com a qual a capela Pinto Leite apresenta algumas semelhanças no portal, tal não significaria de imediato que tivesse sido Cinatti o seu riscador. Aliás, nesse ano de 1873, o Visconde da Gandarinha pretendeu erigir no Estoril um chalé do tipo “*palácio acastelado*”, traçado pelo arquitecto Rodrigo Cantagallo²¹. Ora, se o desenho para a capela sepulcral no Cemitério dos Prazeres for de 1873, como supomos, poderia ter sido também Cantagallo o seu autor. Trata-se apenas de uma hipótese. Seria necessário analisar o (desaparecido) desenho original para comprovar a autoria. Rodrigo Cantagallo era também conhecido como Rodrigo Maria Berquó, filho do Marquês de Cantagallo. Este arquitecto mereceu a atribuição do seu nome a uma rua nas Caldas da Rainha, uma vez que ali se distinguiu na direcção do Hospital Termal, empreendendo profundas obras de remodelação arquitectónica e urbanística²².

O referido projecto para um chalé no Estoril foi uma das primeiras iniciativas deste género naquele local, que viria a transformar-se na *Riviera* de Lisboa em finais do século XIX, com semelhanças à Praia da Granja, em Gaia. Porém, esta iniciativa

²¹ FRANÇA, José Augusto – *A Arte em Portugal no século XIX*. Lisboa, Bertrand, 1966, vol. II, p. 163.

²² Sobre este assunto, veja-se SERRA, João Bonifácio – *Caldas da Rainha (contradições)*. In “Linha do Oeste – Óbidos e momentos artísticos circundantes”, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998, pp. 167-185.

não é de admirar numa família que possuía interesses artísticos. Os Viscondes da Gandarinha foram mesmo grandes colecionadores de arte²³.

Se, em 1842, Sebastião Pinto Leite morava na Rua de Santo Elói, n.º 30 (Porto), onde estava também sediada a sociedade Joaquim Pinto Leite & C.^a, já vimos que a sua mobilidade entre o Porto, Lisboa e Inglaterra foi muito grande. Após o seu casamento, em 1855, Sebastião Pinto Leite passou a residir mais habitualmente em Lisboa, onde possuía um dos melhores palácios da capital, em 1871²⁴. Este palácio situava-se na Rua de Santo António à Lapa. Porém, manteve casa em Londres, uma casa de veraneio na Foz do Douro e adquiriu também a Quinta da Penha Longa – um antigo convento já antes transformado em palacete, que terá sido reformado ao gosto inglês por Sebastião Pinto Leite. Nesta localidade, Sebastião Pinto Leite fundou um asilo para crianças (Quinta da Ribeira)²⁵. Em 1876 foi também fundado um asilo na Gandarinha – Cucujães. Supomos que tenha sido iniciativa de Sebastião Pinto Leite e da sua mulher Clementina Libânia Pinto Leite, provando como a ligação à terra natal não se perdera. Aliás, após a morte de Sebastião Pinto Leite, em 25 de Agosto de 1892, a viúva e sua sobrinha, Clementina Libânia Pinto Leite (Condessa de Penha Longa), estreitou ainda mais as relações com Cucujães. Não tendo havido geração deste casamento, Clementina Libânia Pinto Leite optou por mandar construir um jazigo próprio na terra natal do seu pai. Trata-se de um jazigo-capela executado pela oficina de António Almeida da Costa já numa fase bastante tardia (após 1905). Segundo o testamento de Clementina Libânia Pinto Leite, de 18 de Junho de 1912²⁶, este jazigo de Cucujães deveria servir também para os restos do seu pai (José Pinto Leite), da sua mãe e da sua avó materna. Os restos mortais destes últimos tinham estado no jazigo-capela dos Pinto Leite no Cemitério dos Prazeres. O jazigo da família Pinto Leite em Cucujães acabou por ficar a cargo do já referido asilo, enquanto que o jazigo da família Pinto Leite nos Prazeres passou ao ramo dos Condes de Olivais. Refira-se ainda que uma das filhas de Caetano Pinto Leite mandou também erigir uma capela na secção lateral nascente do Cemitério da Lapa, obra de António Almeida da Costa datada de 1879, mas esta é bastante mais discreta do que a de Joaquim Pinto Leite e a do Dr. Licínio Pinto Leite, no mesmo cemitério, e do que a de Sebastião Pinto Leite, no Cemitério dos Prazeres.

Breve análise da Casa do Campo Pequeno

Os vários irmãos Pinto Leite possuíram casas mais ou menos opulentas, mas geralmente adaptadas a sua residência a partir de outras edificações já existentes.

²³ FRANÇA – *A Arte em Portugal no século XIX*, vol. II, p. 76.

²⁴ FRANÇA – *A Arte em Portugal no século XIX*, vol. I, p. 347.

²⁵ Devemos estas informações a José de Nápoles, a quem estamos gratos.

²⁶ Devemos esta informação a José de Nápoles.

Apenas Joaquim Pinto Leite terá mandado edificar uma casa apalaçada de raiz. Contudo, segundo a tradição oral familiar, Joaquim Pinto Leite esteve para comprar o Palácio dos Carrancas, antes deste ter sido adquirido para residência real no Porto, não se tendo efectivado o negócio alegadamente porque Joaquim Pinto Leite o considerou demasiado grande²⁷.

O palacete de Joaquim Pinto Leite, que lhe serviu de residência até à morte, foi considerado um dos mais belos e ricos do Porto. Logo aquando da Exposição Internacional do Porto de 1865, os guias e mapas publicados já assinalavam o palacete como merecedor de visita: “*são dignas de mencionar (...) os palácios particulares (...) de Joaquim Pinto Leite, de belíssima architectura e recentemente concluído com munificência*”²⁸.

Em 1866, celebrou-se no palacete do Campo Pequeno o casamento entre Orísia Pinto Leite e Arsénio Pinto Leite, primos e ambos moradores no dito palacete. Aliás o casamento entre primos foi comum nesta família. Ora, a imprensa da época fez uma boa descrição do baile, que teria sido magnífico, com cerca de trezentas pessoas convidadas, entre as quais a Viscondessa da Trindade, o Barão do Valado, o Barão de Nova Sintra, António Bernardo Ferreira (filho) e muitos outros notáveis do Porto burguês. Na altura, um músico do Porto, António Teixeira de Macedo, compôs mesmo uma valsa propositada, a que chamou “Orizia Waltz”, em homenagem à noiva.

Na descrição do baile, elogia-se a casa, sendo esta comparada a uma moradia rica do melhor bairro de Londres. Aliás faz-se notar na notícia que a decoração da casa era sóbria, mas elegantíssima. Joaquim Pinto Leite tinha conseguido o efeito desejado. Era um palacete sem rival no Porto, o qual, na altura do baile, decorara-se na escadaria com plantas. Essa decoração tinha sido feita por Emílio David, jardineiro paisagista do Palácio de Cristal, que estava então a reorganizar também o jardim da Cordoaria ao gosto romântico. Terá sido certamente o mesmo Emílio David quem riscou o jardim do palacete de Joaquim Pinto Leite.

Joaquim Pinto Leite faleceu em 27 de Fevereiro de 1880. O documento de partilhas, efectuada em 1881, indica-nos que a totalidade dos seus bens dá a fabulosa soma de 538.375\$000. Uma grande parte destes bens era constituída por acções bancárias, mas só o seu palacete e o respectivo recheio valiam 54.000\$000. A casa bancária continuou com o filho homónimo, também no Largo dos Lóios, n.º 91.

O que actualmente hoje se pode ver na decoração da Casa do Campo Pequeno é, em grande parte, fruto das modificações introduzidas no início do século XX pelos filhos de Joaquim Pinto Leite, que a tornaram um pouco menos sóbria e mais aproximada ao que nessa altura eram as casas ricas do Porto. O seu inicial carácter singular foi-se diluindo (fig. 9).

²⁷ Informação que devemos a José de Nápoles.

²⁸ Notícia Estatística da Cidade do Porto, incluída na planta do Porto de 1865, incluída em *Álbum de cartografia portuense (cinco plantas anteriores à de 1892)*. Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1992.

Contudo, a estrutura com pórtico dórico avançado de sustentação a um varandim com balaustrada, a decoração em cantaria que sobrepuja o portal central do andar nobre (com os festões e, mais acima, o clássico vaso de flores como remate), a escadaria de acesso à entrada, tendo esta três portas de caixilharia em diagonal muito simples, o facto do portão de ferro axial não dar acesso directo ao palacete, sendo feita a circulação das carruagens através de dois portões laterais; todos estes elementos denotam uma filiação no neoclassicismo britânico. Aliás, sabe-se mesmo que os azulejos da fachada principal da casa possuem marca de uma fábrica inglesa²⁹, o que deve ser caso pouco comum no Porto. Na época de edificação da Casa do Campo Pequeno, existiam algumas fábricas de cerâmica na região que já produziam azulejo de fachada, geralmente com padrões atapetados à base de azul em fundo branco. Porém, no caso da Casa do Campo Pequeno, os azulejos são de tonalidade esverdeada, sendo policromos e possuindo clássicas cercaduras com friso de meandros. Não sabemos ainda se são contemporâneos da edificação da casa. Os parapeitos em ferro fundido das aberturas no andar nobre serão talvez posteriores. São de um tipo relativamente comum no Porto no segundo quartel do século XIX, baseado em modelo francês (fig. 13).

Na fachada principal da casa, sobressaem também as duas chaminés simétricas, correspondentes a fogões de sala no andar nobre. Um deles quase o poderíamos atribuir a Emídio Amatucci, já que possui um estilo clássico austero, com colunas lisas e friso de métopas e tríglifos, lembrando o mausoléu que executou para José Mendes Braga (Cemitério da Lapa).

A Casa do Campo Pequeno encontra-se bastante afastada da via pública, mas em óbvia relação com a mesma. Nos três portais da frente gradeada, pilares oitavados de granito servem de umbrais e rematam com vasos também de granito. O gradeamento é em ferro forjado, com varões terminando em lanças. Os portões são também em ferro forjado de motivos neoclássicos (fig. 12) – o que é interessante notar, já que na capela sepulcral de Joaquim Pinto Leite o portão é inteiramente em ferro fundido, bastante moderno para a época. Os portões laterais de acesso à Casa do Campo Pequeno não são iguais ao portão central nem sequer são iguais entre si (um tem dois batentes e o outro possui três), apesar de existir concordância de motivos. Estes portões e grades eram originalmente em verde, como era comum. Hoje estão pintados de branco.

Baseando-nos em memórias de quem ali viveu, a casa tinha uma portaria, ainda visível, onde se filtravam os assuntos que poderiam ser ou não tratados no interior. Do lado oposto ficava a cocheira (hoje as Reservas da Câmara Municipal do Porto), com uma entrada directamente pelo exterior. Esta cocheira data de 1859³⁰. O edifício da cocheira desenvolvia-se contíguo ao muro da propriedade, pelo poente, e ficava mais para dentro a cavalaria. Por cima da cocheira dormiam os criados.

²⁹ Agradecemos ao Dr. Manuel de Sampaio Pimentel de Azevedo Graça por esta informação.

³⁰ A.H.M.P., Plantas de Casas, L.º XXIV, fls. 438-440.

O recebimento da casa e a própria escadaria nobre estará hoje muito diferente do que seria o original. As colunas de mármore alentejano não deviam existir inicialmente, assim como as crianças que brincam com parras, nos tímpanos dos portais, cujas molduras em mármore também poderão ser do início do século XX (fig. 19). Quer nas escadas, quer no varandim do último piso e na clarabóia, as grades são em ferro fundido, de modelos diferentes. A do primeiro lanço da escadaria é de motivos renascença, vegetalistas (parras, por exemplo), mas com friso neogótico (fig. 20). Aqui encontramos um vitral com evocações Arte Nova, emoldurado por pilastras jónicas e dois anjos com festões (fig. 21). Mais abaixo, um relevo com putti puxando um carrinho de mão, de Henrique Moreira (“H. Moreira, 1918”). Possivelmente, esta decoração será coetânea da que existe no *hall* de entrada.

As grades do varandim do segundo piso e da clarabóia são, respectivamente, neogóticas e renascença, ambas com balaústres, sendo a primeira de modelo bastante comum no Porto, sobretudo em exteriores.

No rés-do-chão da fachada principal, situava-se do lado nascente uma sala de estar, que no século XX era forrada a damasco. Mais atrás ficava a sala do bilhar. Do lado poente (onde está hoje o auditório de música), existiam duas salas, de arrumos e de brincar, mas que primitivamente teriam sido talvez uma única sala.

No primeiro piso da fachada principal (andar nobre), ficavam quartos (um deles com vestíbulo, onde existia um oratório neogótico) e, ao centro – abrindo para o varandim da fachada, a sala do charão, que já era referida na época do casamento de Orísia Pinto Leite, podendo ainda hoje estar com a decoração e configuração original. Trata-se de uma sala com decoração neogótica, relativamente sóbria, cujo tecto simula uma abóbada de ogivas (fig. 14).

No tardo da Casa do Campo Pequeno, o classicismo é bastante atenuado por evocações medievalistas. As janelas possuem goteiras evocativas do neogótico britânico, ao contrário das da fachada principal. Uma platibanda ameada e um torreão semi-saliente completam este quadro, reforçado pelas ameias nas próprias chaminés, em contraste com o classicismo das chaminés da fachada principal (fig. 17). Chamamos a atenção para os dois nichos côncavos (estes mais colados ao neopaldadianismo) que flanqueiam o torreão no rés-do-chão, cuja função original desconhecemos, mas que podem ter albergado figuras alegóricas. Apesar de tudo, nota-se uma distinção entre o alçado principal – mais sóbrio e social, virado para a cidade, e este alçado das traseiras, mais íntimo e mais desconcertante.

As grades da escadaria das traseiras, assim como a grade corrida do piso nobre, ambas em ferro fundido e com estética similar, são de modelos pouco comuns em Portugal e sobretudo usados no início do século XX, sendo no entanto relativamente habituais em catálogos de fundições francesas oitocentistas. Serão talvez já da época do Dr. Licínio Pinto Leite, até porque fazem excessivo contraste com as grades primitivas em ferro forjado da cave, que ainda hoje ali se podem ver (fig. 18), e que correspondem ao gosto da frente gradeada da casa.

Só uma análise mais detalhada à casa e aos seus elementos poderá esclarecer se as escadas de pedra que dão acesso do rés do chão para o jardim privado foram cons-

truídas logo de início tal como estão hoje, assim como a datação dos azulejos, quer os da fachada, quer os do tardo e dos alçados laterais, também esverdeados, mas de um outro padrão – que nos parece muito pouco comum em Portugal e com claras afinidades técnicas e estéticas com o azulejo inglês da fachada principal.

No tardo distinguem-se claramente os dois pisos da casa e a cave, dado o declive do terreno. Na cave, existia a cozinha e a lavandaria. Ainda hoje se notam na casa evidências destas funções, nomeadamente pelo tipo de azulejo do corredor da cave (de fundo branco com festões em rosa). A lavandaria possuía grandes tanques de granito. Também na cave, mas não faceando as traseiras, ficava a copa, onde o pessoal da casa almoçava.

No rés-do-chão, ao nível das traseiras, existia o escritório (a nascente), ficando ao centro a sala de jantar, com a sua despensa embutida no torreão semi-saliente que marca o eixo do alçado posterior. Do lado poente, ficava uma sala, que no século XX não tinha já uso definido.

No primeiro piso, ao nível das traseiras, ficava um quarto (do lado nascente, conhecido como o quartos dos hóspedes) e a sala de baile, do lado poente. Ao centro do primeiro piso, nas traseiras e com entrada de luz também pelo vão das escadas, ficava a biblioteca. A sala de baile, que teria tido um lustre de grandes dimensões, dividiu-se depois (no século XX) em três quartos. Alegadamente, ainda existirá a decoração original desta sala de baile por detrás dos tectos que hoje ali se encontram.

No segundo piso, do tipo águas furtadas, ficava a clarabóia do vão de escada e ao centro, virado para a fachada principal, ficava a capela, a qual não possui abertura para esta fachada. A capela, cuja imaginária já não se encontra no local – mas que se sabe estava toda datada e assinada por artistas franceses (sendo uma das imagens a da Virgem), é de estética neoclássica, com tecto do tipo masseira decorado por estuques pintados, ficando em cada uma das quatro faces uma mandorla com evangelista. Ao centro, pode ainda ver-se uma cruz rodeada de querubins e, nos cantoneiros, pinturas com espigas e parras – símbolos do sacrifício da missa (fig. 15). O retábulo, dourado, é também neoclássico, com três nichos, sendo mais nobre o central (fig. 16). Sabe-se que a capela teve órgão e as competentes pratas litúrgicas.

As casas de banho ficavam num apêndice ao edifício, do lado nascente, tanto no primeiro piso como no segundo, supondo-se porém, que inicialmente ficassem dentro do próprio edifício, no mesmo local. As casas de banho em apêndice poderiam ser, pois, obras mais tardias, possivelmente da época do Dr. Licínio Pinto Leite, uma vez que não surgem na planta de Teles Ferreira publicada em 1892 (mas cujos levantamentos começaram geralmente mais de dez anos antes). Estas casas de banho eram extremamente luxuosas e tecnicamente inovadoras para a época em que foram construídas: tinham uma grande área (depois subdividida) e três janelas cada uma. As torneiras eram banhadas a ouro, as toalhas penduravam-se em peças de cristal, os sanitários eram todos floridos e multicolores, alegadamente em porcelana de Sévres. Ao centro existia uma rica mesa de embutidos em mármore. Na cave deste apêndice existia a sala da caldeira, que providenciava o aquecimento das casas de banho.

No exterior da casa, existe também uma espécie de pavilhão ou casa de fresco, talvez já muito transformada, que nos meados do século XX era conhecida como casa das bonecas (numa das alas). Devia ser sobretudo um espaço de lazer, para onde se acedia por três arcos neoclássicos com seus festões (fig. 22). No recebimento da casa de fresco vêem-se hoje azulejos monocromáticos em azul (fig. 23), com painéis de motivos neoclássicos (taças de flores e festões). Um fontanário com pia em forma de concha, inserido num arco cego, marca o eixo deste recebimento. No exterior, talvez não no local original, existe outro fontanário, este em lioz e do tipo estela. Refira-se, ainda, o interessante chafariz do jardim, também em lioz, cuja taça está em muito mau estado de conservação (fig. 24).

Para norte da casa das bonecas existia uma estufa para floricultura (no início do século XX). Esta ficava depois do jardim das traseiras da casa – no quintal, havendo um portão de ferro a separar as duas valências (fig. 11). Neste quintal, que tinha frente para a Rua da Torrinha (cujo projecto de vedação data de 1859) e onde existia um tanque de água, foi no século XX construída uma casa, que pertence a descendentes da família.

Da vivência da Casa do Campo Pequeno já no século XX, fica a memória de um raspador de calçado em ferro fundido, provavelmente ainda do século XIX, junto à porta de entrada, o qual era em forma de cabeças de leão. Servia, obviamente, para a limpeza do calçado de quem entrava na casa. Junto à sala de jantar guardava-se a palmatória, elemento necessário para se manter nas crianças a disciplina tipicamente britânica, que foi timbre nesta casa enquanto serviu de residência aos Pinto Leite. Também existiu por ali a sineta para chamar às refeições. Já no século XX, a Casa do Campo Pequeno foi das primeiras a receber um sistema de telefone interno, da zona da copa para várias outras divisões da casa.

É claro que toda esta descrição é baseada em elementos recolhidos oralmente, que podem conter anacronismos. Falta fazer o estudo aprofundado desta casa, o qual deve ser acompanhado de obras de reabilitação – as quais irão certamente evidenciar melhor a primitiva estrutura e ajudarão a resolver algumas dúvidas quanto às funções originais de determinadas divisões. A casa, que terá sido vendida à Câmara Municipal do Porto a preço simbólico, com a condição de se transformar em museu, ainda hoje aguarda o fim que lhe destinou a família.

Conclusão

A família Pinto Leite deixou-nos várias obras notáveis em termos de arquitectura romântica, destacando-se o jazigo de família de Joaquim Pinto Leite, existente no Cemitério da Lapa, e a Casa do Campo Pequeno. Ambas as edificações são únicas do seu género no país.

Com este trabalho, julgamos ter demonstrado a grande utilidade de confrontar a morada dos vivos com a morada dos mortos, dentro da História da Arte do período Romântico: todas executam-se a pensar nos vivos, pelo que a análise compara-

tiva das duas tipologias dentro de uma mesma família acaba por nos fornecer pistas cruciais para compreender as motivações da encomenda de ambas. Neste caso da família Pinto Leite, a influência britânica – não através dos negociantes ingleses estabelecidos no Porto, mas através de contactos comerciais directos e prolongados – é o elemento motivador fundamental para a estética adoptada. A Casa do Campo Pequeno não pode, pois, continuar a ser classificada, de forma simplista, como um palacete de *brasileiro*.

Bibliografia

- QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal. Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Porto, [s.n.], 2002, 3 tomos. Tese de Doutoramento em História da Arte orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- QUEIROZ, J. Francisco Ferreira – *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de N.ª Sra. da Lapa, 1833-1900*. Porto, [s.n.], 1997, 3 volumes. Dissertação de Mestrado em História da Arte orientada pelo Prof. Doutor Agostinho Araújo e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.



Fig. 1 – Joaquim Pinto Leite, num célebre busto de António Soares dos Reis, rejeitado pela família, alegando-se a pouca semelhança com o retratado



Fig. 2 – capela sepulcral de Joaquim Pinto Leite (Cemitério da Lapa)



Fig. 3 – portão da capela sepulcral de Joaquim Pinto Leite



Fig. 4 – capela sepulcral de Joaquim Pinto Leite (detalhe)



Fig. 5 – capela sepulcral de Joaquim Pinto Leite (interior)



Fig. 6 – capela sepulcral do Dr. Licínio Pinto Leite (Cemitério da Lapa)



Fig. 7 – capela sepulcral de Sebastião Pinto Leite (Cemitério dos Prazeres)



Fig. 8 – capela sepulcral de Sebastião Pinto Leite (interior)



Fig. 9 – Casa do Campo Pequeno

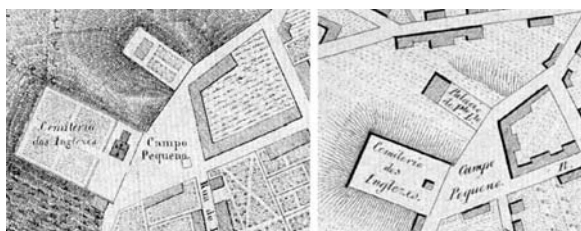


Fig. 10 – Campo Pequeno em 1839 (à esquerda) e numa planta menos fiável de 1865

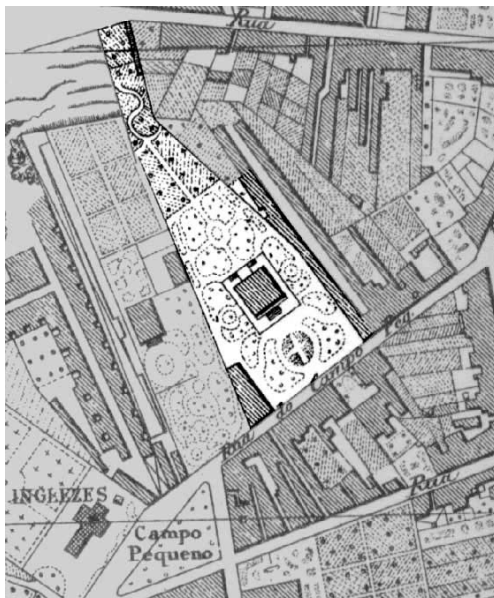


Fig. 11 – Casa do Campo Pequeno na planta de Teles Ferreira



Fig. 12 – Casa do Campo Pequeno, portão principal



Fig. 13 – Casa do Campo Pequeno, detalhe da fachada principal

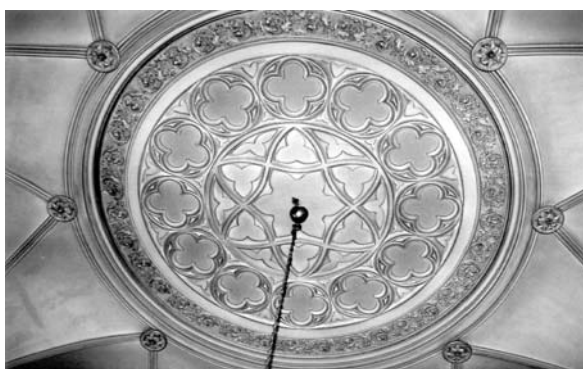


Fig. 14 – Casa do Campo Pequeno, tecto da sala do charão

Fig. 15 – Casa do Campo Pequeno, tecto da capela



Fig. 16 – Casa do Campo Pequeno, remate do retábulo da capela



Fig. 17 – Casa do Campo Pequeno, alçado posterior



Fig. 18 – Casa do Campo Pequeno, detalhe das grades do alçado posterior



Fig. 19 – Casa do Campo Pequeno, detalhe do *hall* de entrada



Fig. 20 – Casa do Campo Pequeno, arranque da escadaria nobre (detalhe)



Fig. 21 – Casa do Campo Pequeno, vitral no vão da escadaria nobre



Fig. 22 – Casa do Campo Pequeno, casa de fresco



Fig. 23 – Casa do Campo Pequeno, casa de fresco (detalhe de painel de azulejos)



Fig. 24 – Casa do Campo Pequeno, chafariz do jardim privado